

A troca: sobre *In altre parole* de Jhumpa Lahiri

Ana Cláudia Santos¹

Resumo:

Ensaia-se uma reflexão sobre o exílio linguístico voluntário da escritora Jhumpa Lahiri. Com base no seu livro *In altre parole*, olha-se de perto para as razões que a levaram a trocar o inglês nativo pelo italiano como língua de escrita. O seu afastamento da língua mais forte parece relacionar-se com a busca de uma condição de fragilidade e de desconforto que pode possibilitar encontrar outra voz de escrita.

Palavras-Chave: exílio; Jhumpa Lahiri; língua estrangeira; escrita; voz.

Abstract:

We essay a reflection on writer Jhumpa Lahiri's self-inflicted linguistic exile. Based on her book *In altre parole (In other words)*, we take a close look at the reasons which led her to exchange her native English for Italian as a writing language. Her parting from her stronger language seems to be related to the search for a condition of fragility and discomfort that may enable finding another writing voice.

Key words: exile; Jhumpa Lahiri; foreign language; writing; voice.

¹ Doutorada em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa.

*Cosa vuol dire rinunciare a un palazzo per abitare quasi per strada,
sotto un riparo così fragile?*

Jhumpa Lahiri

Quando publica, em 2015, *In altre parole*, Jhumpa Lahiri é uma escritora anglófona conhecida e premiada, com quatro obras de ficção traduzidas em várias línguas.² Este é não apenas o primeiro livro que escreve em italiano, mas também o primeiro que pode ser considerado em absoluto autobiográfico. Nos 24 textos de curta dimensão que o constituem – 21 ensaios, dois contos e um posfácio – Lahiri percorre a história da sua relação com a língua italiana e apresenta respostas a um conjunto de perguntas que vai formulando, e que podem agrupar-se em torno desta interrogação fundamental: o que motivou a sua decisão de abandonar o inglês como língua de escrita para começar a escrever em italiano? Os motivos pelos quais se decide aprender uma língua podem ser os mais variados; é o tipo de decisão que não se estranha, para o qual há geralmente uma justificação inteligível. Mais estranho parecerá que alguém troque a língua em que sempre escreveu, e em que se tornou escritor, por outra com a qual não tem uma relação de “necessidade” (e. g., familiar, cultural, profissional, geográfica). Em *In altre parole*, Lahiri reflecte sobre as razões pelas quais escreve o livro que escreve em italiano, estabelecendo-se desse modo o seu carácter auto-referencial.³

Começamos pelas palavras. A relação de Lahiri com o italiano é descrita, desde o início, em termos passionais ou amorosos, e apresentada como uma história de amor. Trata-se, claro, de uma relação unívoca: “Mi sono innamorata, ma ciò che amo resta indifferente. La lingua non avrà mai bisogno di me”⁴ (Lahiri, 2016, p. 16). O amor não recíproco por uma língua assemelha-se ao que se pode nutrir por uma cidade, ou mesmo por uma estrela de cinema: é sempre idealizador, e potencialmente romanesco. Lahiri enfatiza, como tal, o fenómeno do enamoramento, os primeiros encontros e acontecimentos da sua história amorosa.⁵ Vai pela primeira vez a Itália em

² Os livros de contos *Interpreter of Maladies* (1999; vencedor do prémio Pulitzer) e *Unaccustomed Earth* (2008) e os romances *The Namesake* (2003) e *The Lowland* (2013).

³ O livro venceu a edição de 2015 do Premio Internazionale Viareggio-Versilia. Em 2016, foi publicado nos EUA, numa edição bilingue, com o original italiano nas páginas pares e a tradução inglesa ao lado, nas páginas ímpares, de Ann Goldstein. Os excertos aqui reproduzidos reportam-se a esta edição. Optou-se por citar o original italiano, deixando a respectiva tradução inglesa em nota de rodapé.

⁴ “I’m in love, but what I love remains indifferent. The language will never need me.”

⁵ O livro da editora e escritora americana Ann Patty, *Living with a dead language. My romance with Latin*, aproxima-se do de Lahiri ao descrever como amorosa ou passional a relação com uma língua estrangeira. Neste caso, o estudo do latim, a que a autora se dedicou depois de dar por concluída a

1994, com a irmã, numa visita de uma semana a Florença. Nessa altura, já estudara latim, pelo que consegue reconhecer algumas palavras em italiano. O que sente no primeiro contacto com a língua é descrito como um **colpo di fulmine**, expressão que dá título ao terceiro capítulo do livro e que se pode traduzir por “amor à primeira vista”. De regresso aos Estados Unidos, começa a ter lições particulares; em períodos distintos, acaba por estudar com três professoras diferentes. Lahiri afirma que não começou a aprender italiano por necessidade, mas por desejo, podendo o desejo ser caracterizado como uma “necessidade louca”: “Non avrei un vero bisogno di conoscere questa lingua. Non vivo in Italia, non ho amici italiani. Ho solo il desiderio. Ma alla fine un desiderio non è altro che un bisogno folle”⁶ (p. 16).

A aprendizagem do italiano é lenta, e, a espaços, diligente e assídua. Na primeira página do primeiro dicionário de bolso que compra, e que a acompanhará por muitos anos, toma o seguinte apontamento, mnemónica que contém uma equivalência linguística significativa: “**provare a = cercare di**”⁷ (p. 8). O desejo do italiano é perseguido, mas, mais do que tentar conquistar a língua, Lahiri diz-nos que procura passar tempo com ela, mantê-la próxima de si. Por muitos anos, a relação com o italiano desenvolve-se em exílio, num estado de separação do objecto desejado, o que estimula o desejo de uma reunião. O próximo passo é ir para Itália; em 2012, Lahiri muda-se com o marido e os filhos para Roma, onde acabam por viver três anos: “Vado per cambiare strada, e per raggiungere la lingua italiana”⁸ (p. 34). Seis meses antes da partida, decide deixar de ler em inglês e dedicar-se exclusivamente à leitura de obras em italiano. É “uma renúncia oficial”, a primeira de um conjunto de decisões radicais que pautam esta história de amor de uma escritora por uma língua.

Em Roma, Lahiri vive imersa no italiano. O seu vocabulário cresce de dia para dia, palavra por palavra, numa lenta acumulação. O pasmo de descobrir diferentes modos de expressão coexiste com a consciência ansiosa da fragilidade da memória: as palavras novas aprendidas há pouco tempo parecem esvair-se facilmente (p. 48). O **taccuino**, caderno de notas fiel, testemunha o trabalho paciente de aprendizagem da língua, a colecção constante de vocábulos, frases, expressões, bem como os escolhos linguísticos: as preposições, o pretérito imperfeito (a que é dedicado um capítulo), ou o uso do artigo. Uma semana depois de chegar a Roma, Lahiri começa

sua vida profissional, ajuda-a a apaziguar um conflito com a memória da mãe (que também amava a língua).

⁶ “I don’t have a real need to know this language. I don’t live in Italy, I don’t have Italian friends. I have only the desire. Yet ultimately a desire is nothing but a crazy need.”

⁷ “try to = seek to”.

⁸ “I’m going in order to change course, and to reach the Italian language.”

a escrever em italiano no seu diário. Não diz a ninguém. É um “diário clandestino”, e escrever em italiano constitui um “projecto secretíssimo”, que lhe fornece a disciplina para escrever em italiano. Nessa nova “língua aproximativa”, escreve por instinto, sem dicionário, sem controlo, num italiano “incorrecto, embaraçoso” (p. 54), como se escrevesse com a mão esquerda, a sua mão mais fraca. Não tem muitas palavras para se exprimir, o que lhe traz um sentimento de privação, mas também de libertação, comparável à de alguém que alija uma carga para viajar mais ligeiro. Embora linguisticamente limitada, reconhece a sua preferência pelas limitações. Tem, não obstante, a intenção e a fé de ser compreendida e, ao mesmo tempo, de se compreender a si mesma.

Experimenta, pouco depois, redigir fragmentos em prosa. Um dia, imagina um conto inteiro em italiano e escreve-o. Intitula-se “Lo scambio” e é sobre uma mulher, tradutora, que queria ser outra pessoa por se considerar muito imperfeita. Ao longo de vinte anos, Lahiri estudou a língua italiana como quem nada ao longo das margens de um lago, sem se aproximar da parte funda. Quando decide escrever numa língua não-nativa, perde o pé, a segurança. Escolhe ser uma escritora despojada da sua autoridade, das suas certezas, do próprio domínio da língua. E sente-se simultaneamente uma impostora, como se estivesse a fazer alguma coisa indevida, como uma criança que se introduz no roupeiro da mãe para pôr um vestido de noite e saltos altos (p. 180). Como observa Steven G. Kellman, para Lahiri “Italian was an instrument of self-effacement, an exercise in humiliation, in reducing her proudest asset, command of language, to the level of a child’s prattle” (Kellman, 2017).

As dificuldades não demovem Lahiri do seu projecto; ela torna-se mesmo extraordinariamente protectora do italiano, evitando, sempre que lhe é possível, usar o inglês. Receia perder o que, com tanto esforço, adquiriu; teme que o inglês se volte a sobrepor. Em *In altre parole*, é a fragilidade experimentada por uma escritora exprimindo-se numa língua não-nativa que alimenta a própria escrita, sob o signo da imperfeição. Lahiri admite que sempre se considerou imperfeita, à semelhança da tradutora do seu primeiro conto italiano, como se lhe faltasse alguma coisa – porventura, uma língua mãe. Em adulta, e já escritora, dá por si a cultivar uma nova relação com a imperfeição, por meio do italiano (Lahiri, 2016, p. 112). No último capítulo de *French Lessons*, livro em que revisita a história da sua relação com a língua francesa enquanto estudante e professora, Alice Kaplan chama a atenção para a fertilidade de expressão que pode provir da imperfeição linguística (neste caso, na sala de aula): “I’ll see this French language as essential in its imperfection: the fact that we don’t have as many words is forcing us to say more” (Kaplan, 2018, p. 210).

Escrevendo em italiano, Lahiri parece buscar um sentimento de imperfeição e de vulnerabilidade linguística que lhe é familiar, e de que talvez precise para escrever.⁹ Filha de pais indianos, Jhumpa Lahiri nasceu em Londres e mudou-se para os Estados Unidos com a família quando tinha apenas dois anos. O sítio onde se nasce é um acaso, e a língua que se fala, muitas vezes, também. Até aos quatro anos, Lahiri falou a língua dos pais, o bengalês; depois, sempre o inglês, língua em que aprendeu a ler e a escrever. Logo no início de *In altre parole*, confessa-se habituada a uma espécie de exílio linguístico (Lahiri, 2016, p. 18), dado que, por um lado, a língua materna era uma língua estrangeira nos Estados Unidos, e, por outro lado, o inglês, que veio a tornar-se a língua forte, era uma língua estrangeira (e até inimiga) na perspectiva dos pais. Trata-se, porém, de uma “espécie de exílio”, pois quem não pertence a um lugar, quem não consegue identificar uma pátria a que chamar sua, não está de facto exilado de uma terra ou de uma tradição, nem tem para onde voltar. Assim, o facto de se ter sentido exilada da língua italiana, uma língua que ainda estava a experimentar, é compreensível se pensarmos que esta era tão estrangeira para Lahiri como foram o inglês e o bengalês. Reconhece ser uma escritora sem pátria e sem uma língua materna, tornando-se forçoso concluir que a definição de exílio também não se lhe adequa: “Sono esiliata perfino dalla definizione di esilio”¹⁰ (p. 132).

Quando está em causa o italiano falado, por sua vez, sentir-se estrangeira parece ainda mais inescapável para Lahiri. Há um episódio em *In altre parole* que ilustra bem esta questão. No segundo ano em Roma, a escritora e a família vão visitar Paestum; em Salerno, ela entra numa pequena loja de roupa para crianças e mantém um diálogo com a vendedora sobre algo que procura para a filha. Pouco depois entra o marido e começam ambos a falar italiano, limitando-se ele a monossílabos – o marido é americano, chama-se Alberto e, ao contrário de Lahiri, podia passar por italiano; fala a língua, mas não melhor do que ela. A vendedora pergunta-lhes de onde são e comenta que o marido deve ser italiano, pois fala perfeitamente a língua, sem pronúncia. Dos dois, ela é considerada a mais estrangeira. Por causa da sua aparência, há sempre um muro que se lhe depara em Itália, quando por vezes lhe respondem imediatamente ao que diz com “Non ho capito”, ou quando entra numa loja e logo lhe perguntam “May I help you?”. Ser percebida como estrangeira

⁹ Num artigo a propósito do francês de Samuel Beckett, Michael Edwards associa a escrita numa língua estrangeira à coragem de ser vulnerável: “To cross into a foreign language is the most intimate way imaginable, for a writer, to disengage himself from an I trammelled in his native language, to renounce self, to adventure into an otherness indifferent to the I, to become vulnerable, foreign” (Edwards, 1992, p. 80).

¹⁰ “I am exiled even from the definition of exile.”

perturba a comunicação, dificulta que seja ouvida, e pode exigir, caso haja interesse e tempo, uma justificação. Mas mesmo nos EUA, por causa do nome e da aparência, e embora o seu inglês seja irrepreensível, há ainda quem lhe pergunte de onde vem (p. 142); já em Calcutá, reagem com surpresa quando fala bengalês. Escrever é para Lahiri uma forma de derrubar o muro das percepções. Quando é lida, dissipam-se as distrações do corpo, da pele, da pronúncia. Subsiste, claro, o muro linguístico, mas esse é estimulante e inspirador (p. 144).

Em *The Clothing of Books*, livro que escreveu em italiano (*Il vestito dei libri*, 2016) e foi depois traduzido para inglês pelo marido, Lahiri afirma: “All my life I have been in conflict between two different identities, both imposed. No matter how I try to free myself from this conflict, I find myself, as a writer, caught in the same trap” (Lahiri, 2017, pp. 49 e 50). Tratando-se de uma língua que não comporta para Lahiri o peso de uma herança familiar, cultural ou histórica, o italiano é uma fuga de um passado e a escolha de um novo abrigo, frágil, que a coloca num lugar de penúria e imperfeição, mas também de liberdade – liberdade de escolha e de escrita. O italiano surge assim como uma oportunidade de começar de novo, de reaprender a escrever.

Lahiri tornou-se leitora, e depois escritora, em inglês. Era a língua que falava na escola, para ser aceite e compreendida pelos companheiros. Já em casa, os pais queriam que falasse bengalês e preservasse essa herança. Quando o italiano entra na sua vida, vem formar o terceiro ponto de um triângulo linguístico. Se o bengalês é a mãe e o inglês é a madrasta, conflituosas como um velho casal (Lahiri, 2016, p. 152), o italiano é a língua escolhida, adoptada por amor. O bengalês representa o passado, que se perderá quando os pais deixarem de existir, mas o futuro do italiano é igualmente frágil: se não continuar a ser cultivado, também desaparecerá. Lahiri é especialmente sensível à possibilidade de perder o italiano, não pondo porém a hipótese de perder o inglês, que considera uma língua permanente, indelével: “Per quanto sia una lingua imposta, mi ha regalato una voce pulita, corretta, per sempre”¹¹ (p. 156). Mas não será a língua em que se escreve, seja ela qual for, um abrigo frágil, um tugúrio mais do que um palácio? É quase uma platitudo observar que nada nos garante sermos perfeitamente compreendidos exprimindo-nos na nossa língua materna, por muito ou pouco que nos sintamos próximos dela ou nos seja cara.¹² Não poderá uma língua forte, se não for cultivada, correr o risco de desaparecer, ou será esta uma questão de (in)segurança linguística e literária?

¹¹ “Even though the language was imposed on me, it has given me a clear, correct voice, forever.”

¹² Num ensaio intitulado “Self-portrait”, John Berger escreve: “Consider the term Mother Tongue. In Russian the term is **Rodnoi-yazyk**, which means Nearest or Dearest Tongue. At a pinch one could call it Darling Tongue” (Berger, 2016, p. 5).

É possível argumentar que qualquer relação com uma língua que se deseja preservar, sobretudo na escrita, seja em que língua for, terá de se reinventar ao longo do tempo. Depois de *In altre parole*, Lahiri continuou a escrever em italiano, e parece ter agora uma relação mais apaziguada com o inglês. O seu romance mais recente, *Dove mi trovo*, publicado em Itália em 2018, saiu em 2021 em inglês com o título de *Whereabouts*, numa tradução da própria Lahiri. Em *In altre parole*, Lahiri comparava-se com Beckett, que traduzira para inglês textos seus escritos em francês, declarando que ela não poderia fazer o mesmo (p. 118). Ao decidir traduzir para inglês o seu primeiro romance em italiano, Lahiri dá um passo em frente e parece estar mais próxima de Beckett. Traduziu também para inglês três romances do escritor italiano Domenico Starnone (*Ties*, *Trick*, e, mais recentemente, *Trust*)¹³ e organizou a antologia de contos, de que traduziu alguns, *The Penguin Classics Book of Italian Short Stories* (versão italiana: *Racconti italiani scelti e introdotti da Jhumpa Lahiri*). Acaba de publicar o livro de poemas *Il quaderno di Nerina*.

Não será precipitado declarar que *In altre parole* permanece a sua obra mais pessoal. É propriamente uma “language memoir”, expressão cunhada por Alice Kaplan para caracterizar um género de escrita na primeira pessoa em que as vicissitudes da aprendizagem de uma língua são descritas e analisadas, sendo que a “língua segunda” não tem necessariamente de ser, como no caso de Lahiri, uma língua estrangeira (Kaplan, 1994, p. 59). *In altre parole* é um livro sobre a relação profunda entre identidade e voz de escrita, ou a sua ausência, e também sobre reaprender a escrever.¹⁴ É a autobiografia de escrita de Lahiri, e não poderia ter sido redigida senão em italiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Berger, J. (2016). *Confabulations*. London, England: Penguin Books.

Edwards, M. (1992). Beckett's French. *Translation and Literature*, 1, 68–83. Retrieved from: <https://www.jstor.org/stable/40339621>

Kaplan, A. Y. (1994). On Language Memoir. In Angelika Bammer (Ed.), *Displacements: Cultural Identities in Question* (pp. 59–70). Bloomington, USA: Indiana UP.

¹³ Num artigo recente, Lahiri, que vive presentemente nos EUA, afirma: “Italian translation, for me, has always been a way to maintain contact with the language I love when I am far away from it” (Lahiri, 2021).

¹⁴ “Nell'imparare l'italiano ho imparato, di nuovo, a scrivere” (Lahiri, 2016, p. 212).

Kaplan, A. (2018) [1993]. *French Lessons. A Memoir*. Chicago, USA: The University of Chicago Press.

Kellman, S.G. (2017). Jhumpa Lahiri goes Italian. *New England Review*, 38(2). Retrieved from: <https://www.nereview.com/vol-38-no-2-2017/jhumpa-lahiri-goes-italian/>

Lahiri, J. (2016). *In other words*. New York, USA: Knopf.

Lahiri, J. (2017). *The clothing of books*. London, England: Bloomsbury.

Lahiri, J. (2021). Where I Find Myself: On Self-translation. **Words Without Borders**, April 2021. Retrieved from: <https://www.wordswithoutborders.org/article/april-2021-where-i-find-myself-on-self-translation-jhumpa-lahiri>

Patty, A. (2016). *Living with a dead language. My romance with Latin*. New York, USA: Penguin Books.